

Mal de Arquivo – Uma impressão freudiana é uma conferência de Derrida pronunciada em Londres, no dia 5 de junho de 1994, no colóquio internacional “Memória, a questão dos arquivos”, organizado por iniciativa de René Major e Elizabeth Roudinesco e patrocinada pela Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise, do Museu Freud e do Instituto de Arte Courtauld.

O enigmático título logo fica esclarecido quando lembramos que *arquivo* é o *locus* da memória, dos registros do passado, da história. A descoberta freudiana, por sua vez, tem amplas repercussões na questão da memória, dos arquivos e da história. Os conceitos elaborados por Freud a partir da descoberta do inconsciente – como repressão, censura, negação – podem esclarecer e iluminar aspectos fundamentais da historiografia moderna.

Dizendo de outra forma, depois da psicanálise não é possível ter nenhuma visão ingênua sobre a memória, os arquivos, os registros históricos que guardam o passado. Com Freud, o inconsciente, a memória e a história só podem ser consideradas como textos que sofreram inúmeras revisões decorrentes de repressões, negações, apagamentos e censuras.

A memória é a própria essência do psiquismo, diz Derrida¹. De fato, os modelos de aparelho psíquico criados por Freud tentam explicar como ficam gravados os processos de percepção em memórias conscientes e inconscientes.

Como Derrida detalha em um artigo anterior de 1966 “Freud e a cena da escritura”, esses modelos freudianos, que se iniciam com as “facilitações”

As vicissitudes da memória segundo Derrida

Resenha de Jacques Derrida, *Mal de Arquivo – Uma impressão freudiana*, Rio de Janeiro, Editora Relume-Dumará, 2001, 130 p.

(*Bahnungen*) do “Projeto”, com os modelos óticos do cap. VII de “A Interpretação dos Sonhos”, se ampliam com as menções aos rébus, às cartas enigmáticas, aos hieróglifos, e se encaminham para o estabelecimento da metáfora que vincula o psiquismo a um texto, ou seja, a uma linguagem *escrita* (uma *escritura*) e não uma linguagem *falada*. Essa é a crítica – de amplas conseqüências filosóficas – que Derrida faz ao fonologocentrismo, considerado por ele como a base do equívoco que alimenta todo o pensamento metafísico² e crucial ponto de divergência com Lacan.

“Freud e a cena da escritura” foi uma conferência pronunciada no Instituto de Psicanálise de Paris, no seminário de André Green. *Mal de arquivo* vem, assim, retomar uma antiga preocupação de Derrida. A leitura destes dois textos separados por quase trinta anos dá mostras da organicidade do pensamento de Derrida, que retoma e desenvolve temas anteriormente visitados.

Mal de arquivo enfoca a questão da memória, relacionando-a, por um lado, com as inovações tecnocientíficas, indagando até que ponto poderão elas repercutir no campo psicanalítico e, noutro, com a pulsão de morte e o poder, aspecto que – de certa forma – é ilustrado com a questão de ser ou não a psicanálise uma “ciência judaica”, no que Derrida se apóia num

texto de Yosef Haym Yerushalmi, importante historiador do judaísmo norte-americano.

Derrida mostra a dupla raiz da palavra *arquivo*, *arkhê*, que implica *começo* e *comando* (*arconte*, o que comanda). Esses significados lingüísticos expõem uma verdade social e histórica – a relação entre o poder e o arquivo. É o poder quem detém o arquivo, é ele quem dispõe das informações e das memórias, organizando com elas uma história que serve não à verdade e sim a seus interesses políticos imediatos.

Se isso ocorre na historiografia em geral, não poderia ser diferente na história da própria psicanálise. Também aqui o poder institucional mantém uma história “oficial”, que tem trazido inúmeros problemas para a psicanálise, como o escândalo em torno de Jeffrey Moussaief Masson³, nos anos 80, à frente dos Arquivos Freud⁴. Naquela ocasião, Moussaief, na posse de novos documentos que achara nos Arquivos, acusou equivocadamente Freud de abandonar a “teoria da sedução”, negando a realidade dos

ataques sexuais sofridos pelas históricas, em função de seus interesses profissionais, que – em sua opinião – se inviabilizariam caso ele afrontasse diretamente o poder constituído com o escândalo de suas “descobertas”⁵. O resultado deste episódio foi o fechamento de parte dos Arquivos até o ano de 2100. Essa política oficial que privilegia o segredo tem dado margem a um revisionismo histórico da psicanálise, realizada principalmente nos Estados Unidos, altamente prejudicial. Um outro de muitos exemplos possíveis, esse apenas mais próximo de nós, foi o caso de Helena Basserman Viana com a Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro e a IPA. Estando o país sob a ditadura militar, a instituição – para não se indispor com o poder – não barrou o processo de formação de um dos candidatos, comprovadamente um torturador do regime⁶.

A ligação entre arquivo e poder remete à pulsão de morte. O poder está permanentemente arquivando e destruindo o arquivo, como a própria pulsão de morte, que está permanentemente arquivando – tirando da vida, desvitalizando e registrando, e permanentemente tentando destruir o próprio arquivo, a própria lembrança, reprimindo-a, anulando-a. Ou seja, o que ocorre externamente nas relações políticas organizadas pelo poder é correlato do que ocorre internamente, no mundo psíquico, onde a criação das facilitações (*Bahnungen*) originadas pela passagem da força, da quantidade, e a repetição destas facilitações como trajetos preferenciais da energia são considerados por Derrida como a presença da pulsão de morte no exato momento em que se está constituindo o aparelho psíquico, o que mostraria a simul-

taneidade da pulsão de morte e o estabelecimento e viabilização da vida psíquica. Diz Derrida: "Não é já a morte, num princípio de uma vida que só pode defender-se contra a morte pela economia da morte, pela *diferência*, pela repetição, pela reserva? (...) A vida já está ameaçada pela origem da memória que a constitui e pela facilitação à qual resiste, pela efração que não pode conter, senão repetindo"⁷.

Dizendo de outra forma, a repressão está permanentemente possibilitando o *mal de arquivo*, o esquecimento, o apagamento da memória.

Ao falar de arquivo de memórias, Derrida prende-se aos avanços da tecnociência de hoje, como a cibernética, a microeletrônica e a computação, que criaram insuspeitadas e extraordinárias possibilidades técnicas de arquivamento. Sabedor da satisfação de Freud com a descoberta do "bloco mágico", pequena brincadeira que possibilitou uma pertinente descrição dos processos de inscrição da percepção em registros (textos) conscientes e inconscientes, Derrida se pergunta como Freud usaria os novos modelos de arquivamento eletrônicos e em que isso poderia ajudar-lhe na confecção de novos modelos do aparelho psíquico.

É claro que ao colocar a questão no passado, Derrida se pergunta qual seria o impacto destas atuais técnicas na prática da psicanálise e o que impediria os analistas de hoje de se aventurarem por estas áreas.

Se até aqui Derrida coloca a questão relacionada ao objeto teórico da psicanálise, na possível pesquisa de novos modelos de aparelho psíquico que levassem em conta os avanços da tecnociência, por outro lado, se pergunta como esses avanços teriam influenciado os protocolos da psicanálise, suas

atas, seus arquivos, a correspondência entre seus primeiros membros. Pensa que, se houvesse tais facilidades naquela ocasião, a história da psicanálise seria totalmente diferente.

O autor desconstrói a idéia de arquivo, ao propor que não é o conteúdo do arquivo o que vai ser o determinante no processo de arquivamento, mas a técnica de arquivamento é que vai decidir o que pode ou deve ser arquivado: "Isso significa que no passado a psicanálise (não mais do que tantas outras coisas) não teria sido o que foi se o *e-mail*, por exemplo, tivesse existido. E no futuro não será mais o que Freud e tantos psicanalistas anteciparam, desde que o *e-mail*, por exemplo, se tornou possível" (p. 29).

Acostumados, como já estamos, ao uso do *e-mail*, talvez muitos de nós não nos damos conta da imensa revolução por ele trazida. Por isso é interessante conhecer a opinião de Derrida sobre o mesmo, que lhe dá o devido realce: "Mas privilegio também o índice do *e-mail* por uma razão mais importante e mais evidente: porque o correio eletrônico está hoje, mais ainda que o fax, em vias de transformar todo o espaço público e privado da humanidade e, portanto, o limite entre o privado, o segredo (privado ou público) e o público ou o fenomenal. Não é somente uma técnica no sentido corrente e limitado do termo: em um ritmo inédito, de maneira quase instantânea, esta possibilidade instrumental de produção, de impressão, de conservação e de destruição do arquivo não pode deixar de se acompanhar de transformações jurídicas e, portanto, políticas. Estas afetam nada menos que o direito da propriedade, o direi-

to de publicar e de reproduzir" (p. 29-30).

Isso poderia ser ilustrado com a presença da pornografia na internet, que tornou caduco todo o arsenal jurídico que reprimia fortemente a publicação, divulgação e venda de produtos considerados obscenos e distribuídos pelos órgãos estatais, tal como mostrei numa outra ocasião⁸.

A segunda parte de *Mal de arquivo* sustenta-se num longo comentário de Derrida ao último capítulo do livro *Freud's Moses – Judaism terminable and interminable* de Haim Yerushalmi. Vamos ver aí como um texto de Freud tem uma frase que, sintomaticamente, é apagada, esquecida e retomada em várias edições diferentes, dando um bom exemplo do "mal de arquivo".

É conhecido por todos o esforço de Freud em fazer com que a psicanálise não fosse considerada uma "questão judaica", o que o fez dar uma excessiva importância a Jung, o "príncipe herdeiro" que não permitiria que a psicanálise ficasse confinada ao gueto.

Passado o terror nazista, Yerushalmi se sente autorizado a exigir de Freud uma declaração que explicitasse publicamente as profundas relações da psicanálise com o judaísmo, apesar de ter, ele mesmo (Yerushalmi), uma afirmação privada com este teor, feita por Freud em correspondência particular para Enrico Morselli, em 1926. Ali diz Freud: "não tinha certeza de que a psicanálise fosse,

como ele [Enrico Morselli] pensava, um produto do espírito judaico, mas que, se assim fosse, não ficaria envergonhado" (p. 67).

Yerushalmi pensa que Freud reprimiu – sob os eflúvios de um *mal de arquivo* – a importância do judaísmo em sua obra e, neste sentido, faz uma interessante descoberta. Nota que Freud, como que arrependido, acrescenta – em 1935 – uma frase a seu trabalho "Um estudo autobiográfico" de 1929. Ali diz: "O fato de ter mergulhado muito cedo, mal havia terminado o aprendizado da leitura, no estudo da história bíblica, determinou de maneira durável, como me dei conta muito depois, a orientação de meus interesses" (p. 76).

Yerushalmi fez um rastreamento das diversas edições e traduções deste artigo de Freud, observando como esta frase foi "esquecida" ou eliminada várias vezes. Nesta cobrança, Yerushalmi se alia ao velho Jakob Freud, que deu ao filho a Bíblia familiar, como um pungente oferecimento que o vincula ao judaísmo. Pensa ainda Yerushalmi que o ensaio de Freud sobre Moisés é um "retorno do reprimido", é a "obediência diferida" (p. 76) de Sigmund Schlomo a Jakob.

Sendo Yerushalmi um importante *scholar*, zeloso de seus critérios historiográficos, é surpreendente – afirma Derrida – que tenha ele se dado a liberdade de fazer o último capítulo de seu livro sob a forma de um texto de ficção, onde dialoga com o fantasma de Freud.

Entre outras, diz Yerushalmi: "Professor Freud, neste ponto me parece fútil perguntar-lhe se a psicanálise é geneticamente ou estruturalmente uma ciência judia; nós o saberemos,

supondo que isso possa tornar-se um dia objeto de saber, somente quando muito trabalho já houver sido feito. Muito dependerá certamente da maneira pela qual definiremos os termos *ju-deu e ciência*” (p. 51-2).

O livro termina com uma última pergunta a Freud: “De fato, limitando-me ainda mais, eu me contentaria com sua resposta a esta única pergunta: quando sua filha fez chegar essa mensagem ao congresso de Jerusalém, era em seu nome que ela se exprimia? Eu lhe peço, prezado professor, diga-me, prometo guardar o segredo” (p. 59-60). Refere-se ele ao fato de Anna Freud ter feito um discurso de agradecimento na Universidade Hebraica de Jerusalém, que, em 1977, criara uma cátedra com o nome de seu pai. Naquele momento, Anna declarara que, frente à acusação de que a psicanálise seria uma ciência judia, “na circunstância presente seria um título de glória” (p. 59).

Derrida faz interessantes interpretações deste inusitado capítulo, estruturalmente tão diferente do resto do livro de Yerushalmi, ligando-o a uma situação transferencial do autor para com Freud, cujo fantasma é convocado a se pronunciar e que ele – um historiador – curiosamente promete manter em segredo a resposta, caso essa lhe venha a ser confiada!

Mostra ele como a abertura para o futuro, implícita na formulação de Yerushalmi, denota vários aspectos próprios do judaísmo – o apego ao contrato divino que tem sua marca ou inscrição no corpo (circuncisão), a esperança do cumprimento da promessa divina no futuro, a obrigatoriedade do conhecimento do Livro e seu estudo perma-

nente. Ou seja, impera no judaísmo a importância da história e da memória, a obrigação do arquivo. O judaísmo juntaria como traços essenciais “a unicidade absoluta na experiência da promessa (futuro) e a injunção da memória (passado)” (p. 97).

Se Derrida acompanha Yerushalmi até aqui, ele *treme* (p. 98) ao ouvir dele que “em Israel e em nenhuma outra parte a injunção de se lembrar é sentida como um imperativo religioso para todo um povo”. Ao fazer esta afirmação, que pareceria justa, Yerushalmi, na verdade, está plantando a semente de uma profunda injustiça, pois tal afirmação exclui todos os demais povos da riqueza e benefícios da aquisição cultural, colocando Israel numa Unicidade que é a fonte de toda a violência, na medida em que – como toda Unicidade – exclui e ignora o Outro, ignora que outros povos possam ter dito o mesmo, de forma diferente, afinal, “todo outro é totalmente outro” (p. 99).

Derrida sublinha que nunca a afirmação de um Um – completo e único em sua unicidade e completude – deixa de cair no totalitarismo, expressão mais destrutiva do narcisismo que ignora o outro, pois “o Um se resguarda do outro” (p.100). Mais ainda, ao não tolerar o outro fora de si, o Um mantém a ilusão de uma unicidade interna que não existe, ele nega a alteridade e a diferença de si em si, ou seja, seu próprio inconsciente, e, nisso, o “Um se transforma em pura violência”.

Derrida mostra assim como o próprio Yerushalmi entra em *mal de arquivo*, tanto ao propor-se narcisicamente o Um, como ao se equivocar numa argumentação sobre a morte de Moisés (p. 86). Como já vimos, o próprio Freud, ao desvincular a psicanálise do judaísmo, teria também reprimido o seu “arquivo”, também teria tido seu epi-

sódio de *mal de arquivo*, no que isso possa ter dependido de conjunções edípicas (desobedecer a Jakob em sua conclamação no oferecimento da Bíblia) ou políticas (ascensão do nazismo).

Com tudo isso, fica claro como a pulsão de morte está em permanente movimento, cuidando do arquivo e ao mesmo tempo tentando destruí-lo, procurando levar tudo ao esquecimento e ao nada.

Freud foi o primeiro a desconstruir – a analisar – o poder arcôntico do arquivo, sua vinculação com o poder paterno e patriarcal, cuja única resolução possível é o parricídio e a tomada dos arquivos (do poder) pelos irmãos, base para “a igualdade e liberdade dos irmãos, uma certa idéia ainda viva da democracia”, como diz Derrida (p.123). Apesar disso, pessoal e institucionalmente Freud usou a lógica do poder patriarcal, a ponto de ainda hoje – tanto tempo depois – se perguntarem seus “filhos” (os analistas) se podem pensar com suas próprias cabeças, se podem falar em seus próprios nomes.

Como mencionamos acima, é chamativa a presença de René Major e Elizabeth Roudinesco no simpósio onde foi apresentada essa conferência. Ela até pareceria um evento preliminar dos Estados Gerais da Psicanálise, realizados em Paris, 2000, na medida em que muitos dos temas aqui abordados foram ali retomados por Derrida na conferência “Estados d’Alma da Psicanálise”⁹. Ali falou da necessidade de uma psicanálise que não resista a si mesma, enfrentando o encon-

tro com o mundo político e científico. Aqui, como lá, fala do impacto da tecnociência à qual Freud não teve acesso e da qual os analistas de hoje devem – usando suas próprias cabeças, falando em seus próprios nomes – se aproximar e usar. Em Paris, falou da imensa importância do pensamento freudiano nos discursos jurídico, ético e político; aqui particulariza essa importância na historiografia, quer seja a do grande mundo, quer seja da própria psicanálise, e em ambos mostra como a psicanálise pode desconstruir o poder arcôntico aí encastelado.

Derrida deixa claro que a psicanálise é o conhecimento dos arquivos, da memória, da história, de sua preservação ou apagamento. A psicanálise subverte sistematicamente qualquer idéia prévia de arquivo, na medida em que sustenta a presença deste insopitável inconsciente, da repressão e da supressão e seus vastos efeitos organizatórios.

Sérgio Telles é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e autor de *Peixe de Bicicleta* (EDUEFS Car-2002).

NOTAS

- 1 J. Derrida, “Freud e a cena da escritura” em *A escritura e a diferença*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2ª edição, 1995, p. 185.
- 2 J. Derrida, *op. cit.*, p. 180.
- 3 J. Malcolm, *Nos Arquivos de Freud*, Editora Record, Rio de Janeiro, 1986.
- 4 S. Telles, *No Inconsciente dos Arquivos*, Folhetim, Folha de São Paulo, 09/03/1986, p. 4-5.
- 5 J. M. Masson, *Atentado à Verdade*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1984.
- 6 H. B. Vianna, “Não conte a ninguém...”. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994.
- 7 J. Derrida, *op. cit.*, p. 186-7.
- 8 S. Telles, *Algumas Idéias sobre a Pornografia*, Psychiatry on line-Brazil, vol.5, outubro de 2000, www.polbr.med.br.
- 9 J. Derrida, *Os Estados d’Alma da Psicanálise*, São Paulo, Editora Escuta, 2001.